

CRÔNICA E POLÍTICA

Hubem Braga

TENHO a impressão de que não encontrarei leitor para esta crônica: não vou tratar de política, e o momento é só de política. No momento em que escrevo há reuniões de militares, reuniões de políticos, fórmulas, ameaças de intervenção, telefonemas, telegramas em código, o diabo.

Minha opinião os leitores já conhecem: acho que a única solução decente no momento, e não apenas decente como avisada, capaz de abrir caminho a soluções mais duradouras para tirar o Brasil dessa crise político-militar interminável, é obedecer a decisão das urnas. Isso pode ser desagradável para muitas autoridades e também para uma parte considerável da opinião pública; mas quando a vontade das maiorias se exprime de maneira clara e limpa todas as «fórmulas salvadoras» são condenáveis não apenas moralmente mas também historicamente, pois agravarão e prolongarão a crise e não levarão a nenhuma saída aceitável.

Direi mais: que não acredito que a alternativa para a desordem (incluam aí o comunismo e todos os outros perigos reais ou imaginários) seja a ditadura; isso, porque não acredito que uma ditadura possa dar ao Brasil a ordem de que ele necessita; porque não vejo em ninguém autoridade nem força moral nem material para implantar uma ditadura estável. E mais: acredito que a radicalização da política brasileira é, em grande parte, artificial, quero dizer, que não corresponde a uma encruzilhada histórica inevitável; que uma vitória do PSD não é a vitória do Mal contra o Bem, que é a UDN; que, digamos, Negrão de Lima e Israel Pinheiro sejam mais ou menos corruptos ou subversivos que Flexa Ribeiro e Roberto Resende. Parece-me, pelo contrário, que seria possível, com tolerância e paciência, encontrar uma saída para a crise; que a responsabilidade dos que a agravam com o desencadeamento de suas paixões é muito grande, porque é um crime dividir ainda mais este país.

Comecei esta crônica dizendo que não ia escrever sobre política. Mas fui dar uma palavrinha antes de entrar no meu assunto, e acabei só falando de política. A culpa não é minha; agora o melhor é encerrar aqui esta crônica e ficar fazendo o que me resta fazer no momento, isto é, esperar para ver o que é que os homens que mandam, os responsáveis resolvem fazer...

DN - 7.10.65